

Construções relacionais de fingimento e sua natureza semântico-pragmática disfórica/eufórica

Relational constructions of pretense and its dysphoric and euphoric semantic pragmatic nature

Kátia Roberta RODRIGUES-PINTO*

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

RESUMO: Este artigo se concentra em analisar/descrever, no português brasileiro, os aspectos semântico-pragmáticos do predicativo atributivo da construção relacional de fingimento [Suj+V_{rel}(+uma)+Predt]↔[estado fingido] (Rodrigues-Pinto, 2021) cujo *slot* verbal, aqui, é preenchido por *dar* e *pagar*, como em *Ele deu uma de bonzão; Ela paga de santinha*. Acredita-se que o núcleo do predicativo formado por SN e SAdj apresenta função semântico-pragmática de natureza disfórica ou eufórica, a depender do contexto, considerando a intersubjetividade expressa na construção. Assume-se, para tanto, o quadro teórico-metodológico dos Modelos Baseados no Uso (Kemmer; Barlow, 2000) em interface com a Gramática de Construções de Goldberg (1995; 2006), pertinente ao estudo por compreender a língua como um pareamento de forma/significado, uma vez que se estabelece uma inter-relação no tratamento desses dois eixos. Além disso, o arcabouço teórico adotado amplia tais observações considerando mais efetivamente a dimensão contextual e sua relação com mecanismos cognitivos de domínio geral (Bybee, 2016).

PALAVRAS-CHAVES: Construções relacionais de fingimento. Modelos Baseados no Uso. Abordagem construcional. Natureza semântico-pragmática disfórica e eufórica.

ABSTRACT: This article focuses on analyzing and describing, in Brazilian Portuguese, the semantic pragmatic aspects of the predicative attributive of the relational construction of pretense [Subj+V_{rel}(+uma)+Predt]↔[pretended state] (Rodrigues-Pinto, 2021) whose verbal slot, here, is filled by give and pay as in *Ele deu uma de bonzão; Ela paga de santinha* function of a dysphoric or euphoric nature, depending on the context, considering the intersubjectivity expressed in the construction. Therefore the theoretical-methodological framework of Use-Based Models (Kemmer; Barlow, 2000) is assumed in interface with Goldberg's Construction Grammar (1995; 2006), pertinent to the study for understanding language as a pairing of form and meaning, since an interrelationship is established in the treatment of these two axes. In addition, the adopted theoretical framework expands such observations by more effectively considering the contextual dimension and its relationship with general domain cognitive mechanisms (Bybee, 2016).

KEYWORDS: Relational constructions of pretense. Usage-Based Models. Constructional approach. Dysphoric and euphoric semantic pragmatic nature.

* Doutoranda em Letras, área de concentração Análise e descrição de língua naturais, pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), campus Três Lagoas/MS, e-mail: katiarodriguespinto@gmail.com

Considerações iniciais

Este artigo está alicerçado pelos fundamentos teóricos dos Modelos Baseados no Uso (Kemmer; Barlow, 2000), que compreendem a língua como uma representação cognitiva e convencionalizada das experiências dos falantes. Em consonância com a Gramática de Construções de Goldberg (1995; 2006) e com os preceitos cognitivistas de Bybee (2016), este estudo toma a construção como unidade básica de análise em seu contexto de uso efetivo.

O tratamento metodológico em pesquisas de cunho construcionistas se valem da constituição de um *corpus* com base em dados reais de uso adotando a perspectiva quantitativa e a perspectiva qualitativa, ou ainda, o método misto (Lacerda, 2016) que consiste na combinação de procedimentos de coleta, análise e arranjo entre técnicas quali-quantitativas com o propósito alcançar melhores resultados analíticos.

O objetivo deste estudo se concentra em investigar os processos/fatores que operam na configuração da função semântico-pragmática do predicativo atributivo das construções relacionais de fingimento (Rodrigues-Pinto, 2021), mais precisamente, quanto a sua natureza eufórica na atribuição de aspectos positivos e quanto a sua natureza disfórica na atribuição de aspectos negativos, conforme os exemplos:

(01) Será que a DFB só permite as estrelas de quem participou da bundesliga, ou quem participou da oberliga (a bundesliga da Alemanha oriental) a usar as estrelas???? fica aqui a minha dúvida e eu **pagando de adalto de avenida Brasil**. Disponível em: columistas.ig.com.br Acesso em: 25 mar. 2020.

(02) Tudo isto que está ocorrendo já era previsto, perde-se uma excelente especializada (e as inúteis continuam) e os funcionários daquele órgão querem **pagar uma de corretinhos** prá cima de policial... (que não foi lá fazer nada irregular) é na nossa mão que cairão quando as tretas que fazem virem à tona. Disponível em: flitparalisante.wordpress.com Acesso em: 25 mar. 2020.

(03) O tucano de Colatina, ao jornal A Tribuna (31/07), afirmou desconhecer o flerte entre os dois partidos, **dando de desentendido**. Disponível em: seculodiario.com.br Acesso em: 25 mar. 2020.

(04) Viajo muito para viagens de um dia ou dois (vida de concurseira) e ela é o tamanho ideal pra levar tudo e não perder tempo despachando bagagem. Além do que, se não der pra usar as rodinhas, é só colocar nas costas e **dar uma de mochileira**. Disponível em: garotasestupidas.com Acesso em: 25 mar. 2020.

As construções são estruturalmente compostas por sujeito, verbo relacional, presença ou ausência de material interveniente e predicativo pareados ao significado de estado fingido simbolicamente representadas conforme segue:

$$\text{Suj} + \text{V}_{\text{rel}}(+\text{uma}) + \text{Predt} \leftrightarrow [\text{estado fingido}]$$

As partes que compõem a construção são denominadas de *slot*. O *slot* sujeito é caracterizado essencialmente por indivíduo agentivo [+humano/+animado]; o *slot* verbal, neste estudo, é preenchido pelos verbos *pagar* e *dar*. A construção pode, ainda, apresentar um *slot* que admite a inserção de material interveniente posposto ao *slot* verbal, no caso, o artigo indefinido feminino *uma* e, por fim, o *slot* predicativo designa um atributo ao sujeito sendo formalmente expresso por um SPrep, encabeçado por *de*, nucleado por um sintagma nominal, SN, como em (01) e em (04), *adalto de avenida brasil* e *mochileira*, ou por um sintagma adjetival, SAdj, como em (03) e em (02), *corretinhos* e *desentendido*, de natureza atributiva (Halliday; Matthiessen, 2004), assim simbolicamente descritos:

$$\text{Predt} = \text{SPrep} (\text{de} + \text{SN}/\text{SAdj})$$

Uma vez apresentada a construção na qual este estudo está ancorado¹, toma-se precisamente o *slot* predicativo como objeto de análise, assumindo sua natureza atributiva. Para tanto, parte-se da premissa defendida pela abordagem construcional de

¹ Os *slots* da construção relacional de fingimento podem ser preenchidos, ainda, por elementos de natureza distinta aos apresentados, tais como sujeito [-humano/-animado] ou mesmo advérbio como material interveniente. Para a apresentação da construção, optou-se por elementos prototípicos.

que o significado é proveniente da construção e não das partes que a compõem, contudo, acredita-se que o fator intersubjetividade favoreça à composição da natureza eufórica ou disfórica do predicativo, ou seja, o predicativo pode designar um atributo positivo ou negativo ao sujeito.

Assim, este artigo inicialmente apresenta o objeto de estudo e está estruturalmente dividido em duas seções acrescidas das considerações finais e referências:

- (i) a seção inicial apresenta o arcabouço teórico que orienta este estudo, acerca dos Modelos Baseados no Uso e da Gramática de Construções de Goldberg (1995; 2006) bem como a metodologia empregada para coleta e processamento dos dados;
- (ii) a seção subsequente trata da análise e discussão dos dados no que compete à configuração semântica do predicativo atributivo das construções e à sua função semântico-pragmática disfórica e eufórica;
- (iii) a parte final traz as considerações conclusivas da pesquisa, seguidas das referências.

1 Aporte teórico-metodológico

Esta seção apresenta os pressupostos teóricos no qual este estudo está assentado e o tratamento metodológico utilizado na coleta de dados para composição do *corpus* de análise. Traz, inclusive, o conceito de construção adotado pela abordagem construcional (Goldberg, 1995; Croft, 2004; Traugott; Trousdale, 2021) e os pilares que sustentam os Modelos Baseados no Uso, além do entendimento acerca dos processos cognitivos de domínio geral (Bybee, 2016).

1.1 Bases teóricas

A base teórica que norteia este trabalho corresponde aos pressupostos dos Modelos Baseados no Uso, doravante MBU, (Kemmer; Barlow, 2000), principalmente

no que concerne à Gramática de Construções de Goldberg (1995; 2006) em consonância com a abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2021) e da visão cognitivista de Bybee (2016). O aporte teórico adotado se apoia nos seguintes pressupostos que implicam na concepção construcional da língua:

- (i) a língua como resultado da experiência;
- (ii) a construção como unidade básica de análise;
- (iii) a organização da gramática em rede e
- (iv) os processos cognitivos de domínio geral.

Assume-se que a língua seja um sistema conceitual corporificado com base na experiência e, a partir desse ponto, busca-se compreender como esse sistema se organiza estruturalmente para a formulação do significado, além de permitir o entendimento de como a língua se ordena a partir de estruturas emergentes do uso. Nos termos de Kemmer e Barlow (2000), os MBU são regidos pelos seguintes princípios:

- (i) *íntima relação entre estruturas linguísticas e instâncias de uso na língua*: as estruturas da língua são representações cognitivas do falante com níveis de abstrações e perspectivadas com base na experiência;
- (ii) *importância da frequência*: quando uma construção é automatizada, ou seja, utilizada com muita frequência, leva ao entrincheiramento (Bybee, 1988; 2016), isto é, ativa-se a rotinização cognitiva no processamento da unidade. Assim, a frequência de uso é tanto resultado quanto força de moldagem do sistema.
- (iii) *compreensão e produção do sistema linguístico como partes integradas*: em oposição à perspectiva modular de Chomsky que separa “competência” e “desempenho”, os MBU compreendem que o processamento mental e a estrutura linguística operam integradas, pois a linguagem apresenta regularidades que são estruturadas cognitivamente;

- (iv) *foco no papel da aprendizagem e da experiência na aquisição da linguagem:* rejeita-se a ideia inatista de aquisição de linguagem. A criança abstrai padrões mais gerais para formulação da fala e a partir de partir de formulações simples de enunciados elas progredem para estruturas mais complexas;
- (v) *emergência de representações linguísticas:* as unidades linguísticas não estão estocadas em um determinado compartimento na mente do falante e, sim, acionadas como rotinas cognitivas e emergentes do uso interconectadas por *links* (nós);
- (vi) *importância dos dados de uso:* o uso real da língua é instrumento norteador da perspectiva teórica de modelos que investigam o que o falante produz e entende como linguagem. Para análise, o ideal é que os dados de uso sejam retirados de *corpora* que garantam a fidelidade dos padrões construcionais no contexto, ou seja, toma-se como objeto investigativo aquilo que o indivíduo produz e compreende;
- (vii) *íntima relação entre uso, variação sincrônica e mudança diacrônica:* a variação apresentada na sincronia é indício de mudança em perspectiva diacrônica, ou seja, quanto maior a interação, maior a previsibilidade de variações de padrões linguísticos;
- (viii) *interconectividade entre sistema linguístico e sistema cognitivo:* os mesmos processos que operam na linguagem atuam em outros domínios cognitivos, intelectuais e emocionais, como pensamento, memória, raciocínio, capacidade de compreensão, percepção e atenção (Smith; Kosslyn, 2008);
- (ix) *importância do contexto na operacionalização do sistema linguístico:* o significado não está na estrutura em si; contextos de uso influenciam todos os aspectos da língua e revelam complexa interação com representações cognitivas abstraídas da experiência.

A língua é concebida como um sistema adaptativo complexo, pois, ainda que aparentemente apresente estruturas regulares, está sujeita à variação e à mudança que são exibidas seguindo padrões estruturais bem definidos, isto é, as estruturas emergentes do uso não são arbitrárias e os processos de mudança não são caóticos, pelo contrário: “as línguas mudam ao longo do tempo, mas de maneira bastante regular” (Bybee, 2016, p. 18). Para os MBU, a língua não é uma estrutura mental fixa e não estabelece fronteiras rígidas entre suas categorias gramaticais e lexicais, e sim como um *continuum* apresentando gradiência e fluidez.

Nesse modelo, a linguagem é corporificada pelos falantes por meio dos construtos, isto é, o uso e, toma-se como unidade básica de análise a construção. De acordo com a Gramática de Construções de Goldberg (1995; 2006), a construção é assim definida:

C é uma construção se C é um par de forma-significado <F, S,> de modo que algum aspecto de F, ou algum aspecto de S, não seja estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas² (Goldberg, 1995, p. 04).

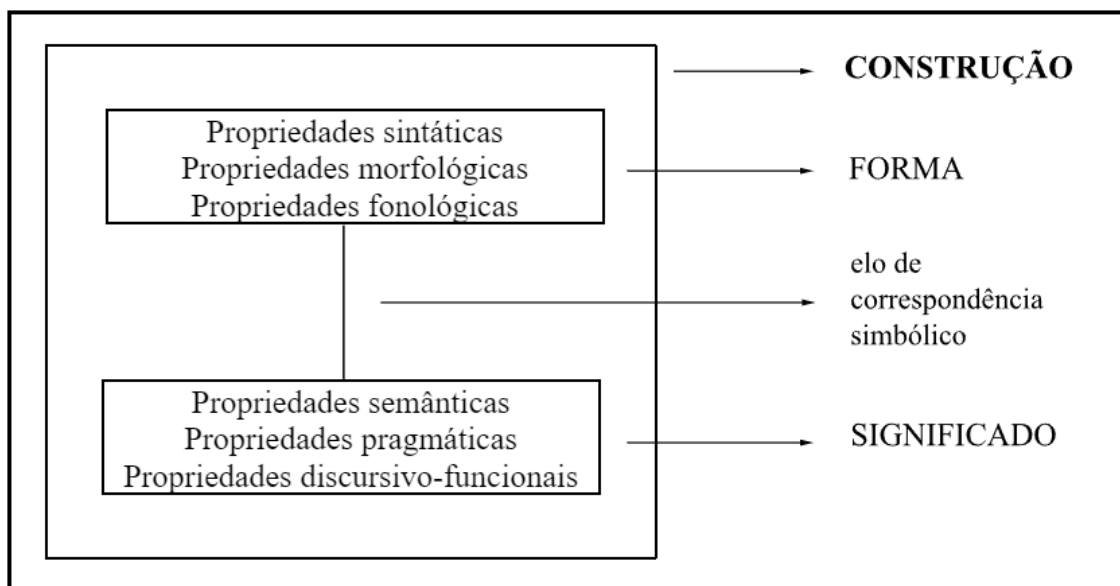
Construção é compreendida como qualquer unidade de análise, desde estruturas monomorfêmicas até estruturas complexas, incluindo expressões idiomáticas e construções passivas constituídas por um pareamento de forma e significado que são abstraídas das experiências comunicativas em instâncias de uso rotinizadas. Para Croft (2001), as propriedades que definem uma construção se pautam na não modularidade da língua, compreendendo as construções em um *continuum* léxico-gramática, no entendimento de que as construções são unidades básicas de representação gramatical e simbólicas e que constituem um inventário estruturado e convencional. Chega-se ao postulado fundamental do modelo: a não divisão entre léxico e gramática. A construção nada mais é do que uma generalização, que se abstrai a partir de instâncias do uso de um esquema mais geral.

O pareamento forma-significado da construção pode ser melhor compreendido com a figura a seguir que demonstra como o polo da forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e o polo do significado (com propriedades semânticas,

² No original: *C is a construction iff_{def} C is a form-meaning pair <F, S,> such that some aspect of F, or some aspect of S, is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions.*

pragmáticas e discursivo-funcionais) se correspondem simbolicamente na configuração da construção.

Figura 1 - Representação simbólica entre forma e significado da construção



Fonte: Croft (2001, p.18). Traduzido pela autora.

O modelo construcional de Traugott e Trousdale (2021) traz a seguinte representação de construção, corroborando os pressupostos dos MBU:

$$[[F] \leftrightarrow [S]]$$

Para os autores, [F] representa o polo da forma no que tange aos componentes da sintaxe, morfologia e fonologia e [S] representa o polo do significado, especificamente discurso, semântica e pragmática. Todos esses componentes são "traços de uma construção" e a flecha de duas cabeças (\leftrightarrow), primeiramente vista em Booij (2010), representa o pareamento de forma e significado de "uma unidade convencionalizada" (Traugott; Trousdale, 2021, p.36).

A visão cognitivista do modelo sugere que os mesmos processos que atuam em outros domínios cognitivos também operam na linguagem. Bybee (2016) apresenta cinco processos que se mostraram bastantes produtivos para os propósitos investigativos que nos são interessantes, sendo: categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associação transmodal.

- (i) *categorização*: capacidade humana de organizar cognitivamente conceitos perceptuais em categorias criadas a partir das experiências. Trata-se da generalização de similaridades a partir de um membro mais central a membros mais periféricos;
- (ii) *chunking*: processo que se define pela habilidade de agrupar na memória unidades sequenciais menores para formar uma unidade só e mais complexa;
- (iii) *memória enriquecida*: compreende em estocar cognitivamente padrões e regularidades os associando a outros padrões, ou seja, capacidade mental de armazenar detalhes da experiência e recorrer a eles oportunamente;
- (iv) *analogia*: experiências novas são criadas com base em experiências já previamente vivenciadas;
- (v) *associação transmodal*: habilidade cognitiva de associar experiências coocorrentes.

A organização da experiência humana se dá por exemplares que são agrupados por similaridades e exibem efeitos prototípicos. Assim, as categorias apresentam traços de pertencimento que as posicionam como membros mais prototípicos/centrais ou mais periféricos/marginais. Neste estudo, assume-se que as construções relacionais de fingimento (Rodrigues-Pinto, 2021) estão abarcadas na categoria das construções relacionais por compartilharem propriedades referentes ao processo relacional, nos termos de Halliday e Matthiessen (2004), de natureza predicativa atributiva, contudo, são periféricas à categoria que apresenta como membro prototípico as construções relacionais de estado e de mudança de estado (Ferreira, 2015).

1.2 Procedimentos metodológicos: composição do corpus

A orientação metodológica adotada se refere à perspectiva quantitativa atrelada à perspectiva quantitativa, ou ainda, método misto (Lacerda, 2016), termo adotado em

estudos construcionistas. Seguindo a proposta metodológica dos MBU, os dados que compuseram esta análise foram retirados de um *corpus* considerando dados reais de uso. Neste sentido, adotou-se o *Corpus do Português*, mais especificamente, a seção *Web/Dialetos* (Davies; Ferreira, 2006) que possibilita um acesso bem amplo e variado com mais de um bilhão de palavras de páginas da *internet* com dados escritos retirados de *blogs* interativos, revistas e jornais eletrônicos, além de *sites* de busca.

Foram selecionados 618 (seiscentos e dezoito) dados de uso, por meio de critérios de busca que se valeram da utilização de fórmulas de pesquisa.³

Tabela 1 - Composição do *corpus* de análise

Fórmulas	Resultados
{pag* de}	99
{da* de}	08
{pag* [?] de}	32
{da* [?] de}	479
Total	618

Fonte: Rodrigues-Pinto (2021, p. 53)

Os dados aqui correspondem às construções relacionais de fingimento com os verbos *pagar* e *dar*, tais como:

(05) Para ficar linda: invista nas cores marrom, pêssego e rosa. Sinal de perigo: evite os tons coloridos como azul, laranja e roxo para não **pagar de perua**. Disponível em atrevida.uol.com.br Acesso em: 25 mar. 2020;

(06) Dos países muçulmanos que passei, achei que pouco se fala de quem eles realmente são... não está nos museus, decorações e afins... está tudo nas entrelinhas, no modo de vida e nas mesquitas, você tem que **dar de xereta** para ver o além. Talvez pela

³ Os dados utilizados para este estudo se valem dos mesmos parâmetros metodológicos utilizados pela autora em seu trabalho de conclusão de mestrado.

vida nômade que sempre tiveram, a ausência de história de como estamos acostumados, fica tudo muito ausente. Disponível em: mikix.com Acesso em: 25 mar. 2020;

(07) Mas uma coisa eu falo... independente do final. O Morrison vir com esse papinho de é óbvio.?!?! Só quis **pagar uma de bonzão**. Sendo que as histórias dele são malucas... Disponível em: batmanguide.wordpress.com Acesso em: 25 mar. 2020;

(08) Com o foco na batalha pela sobrevivência dos seres humanos para com os monstros, e também na relação entre os personagens principais e secundários, Círculo de Fogo ganha ainda mais pontos positivos por não encher a história com temas complexos e repetitivos para **dar uma de inteligente** e depois sair como um filme de pseudo-intelectuais envolto por uma manta de filme de ação. Disponível em: intoleravel.com.br Acesso em: 25 mar. 2020.

Para assegurar resultados mais precisos, recorreu-se ao programa de processamento de dados GoldVarb X (Sankoff, *et al.*, 2005) que se vale de regras de análise entre variáveis associadas em uma perspectiva quantitativa dos dados. Cada variável corresponde a um fator de análise e, aqui, toma-se como variáveis as seguintes propriedades/características das construções relacionais de fingimento:

- (i) *slot* verbal preenchido por *pagar* e *dar*;
- (ii) predicativo disfórico e predicativo eufórico;
- (iii) grau de intersubjetividade.

Para tanto, os dados são submetidos à análise cruzada que dispõe o arranjo dos dados entre suas propriedades/características, sendo:

- (i) construções com o *slot* verbal preenchido por *pagar* e *dar* e construções com predicativos disfóricos e eufóricos;
- (ii) construções com predicativos disfóricos e eufóricos e o grau de intersubjetividade.

A análise segue com o tratamento dos dados, assumindo como critério a tipologia semântico-pragmático do predicativo atributivo das construções relacionais e o grau de intersubjetividade da construção.

2 Discussão e análise

O cerne da abordagem construcional gira em torno do pareamento forma e significado das construções no entendimento de que as estruturas linguísticas não se sobressaem ao significado, ou vice e versa, e sim que os dois polos são igualmente importantes no *continuum* léxico-gramática.

Assumindo que a estrutura formal da construção relacional de fingimento é expressa pelo predicativo preposicionado [de+SN/SAdj], torna-se válido compreender como suas relações funcionais operam no todo da construção. Por se tratar de uma construção relacional, o predicativo cumpre com sua função atributiva (Halliday; Matthiessen, 2004), ou seja, atribui ao sujeito características que o definem considerando, aqui, a perspectiva do falante, ou seja, a intersubjetividade capturada no contexto da construção. Neste sentido, os elementos nucleares do predicativo, expressos por SN ou SAdj, trazem à construção uma força pragmática expressa no contexto de atribuir características disfóricas ou eufóricas.

2.1 Aspectos semântico-pragmáticos

Antes de adentrarmos na análise dos dados, faz-se pertinente trazer a conceptualização de Neves (2011) quanto ao valor semântico compartilhado entre substantivos e adjetivos, proposta que assumimos para este estudo. Para a autora, a depender do contexto, o substantivo pode perder seu caráter referencial e passar a exercer função atributiva do tipo qualificadora, característica típica dos adjetivos.

Um **substantivo** pode deixar de ser referencial e funcionar como se fosse um **adjetivo**. Ele pode atribuir o conjunto de propriedades que indica, como se fosse uma única propriedade, a um outro **substantivo**, isto é, atuar como **qualificador** ou como **classificador**. Isto ocorre especialmente em função predicativa (Neves, 2011, p. 175).

Os exemplos a seguir mostram essa distinção.

(09) Eu não sei ao certo o que me espera e nem o que vão falar ou pensar de mim. Eu tô tipo contando os dias para pagar uma de **bruxa**. Disponível em: mudandodeassunto.com Acesso em: 25 mar. 2020.

(10) Será que toda **bruxa** se assemelha a que você pensou? Talvez você se surpreenda em saber que as **bruxas** existiram, sim, no mundo real. Mas elas não eram exatamente como descrevemos. Disponível em: cienciahoje.or.br Acesso em: 25 mar. 2020.

Se observarmos as duas ocorrências, podemos perceber que o item lexical *bruxa* é empregado em construções e em contextos diferentes e, portanto, apresenta significados distintos. Em (09) *bruxa* é usado como atributo ao transferir todo o rol de propriedades que a definem ao sujeito da construção, uma vez que em posição predicativa o sintagma nominal perde sua propriedade referencial, enquanto, em (10), *bruxa* mantém sua propriedade referencial de substantivo e função correspondente.

Dentre os tipos de adjetivos apresentados por Neves (2011), vamos nos concentrar na subclasse dos qualificadores que sugere atribuir propriedades conceituais ao substantivo com o qual estabelece relação podendo ser considerados adjetivos predicativos. Tais adjetivos, segundo a autora:

[...] indicam, para o substantivo que acompanham, uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que o definem. Diz-se que esses **adjetivos** qualificam o **substantivo**, o que pode implicar uma característica mais, ou menos, subjetiva, mas sempre revestida de certa vaguidade. Essa atribuição de uma propriedade constitui um processo de **predicação**, e, por isso, esses **adjetivos** podem ser considerados de tipo **predicativo** (Neves, 2011, p. 184-185)

A característica subjetiva inerente a uma parte dos adjetivos qualificadores se dá pelo seu caráter de avaliação psicológica, como se pode ver nos exemplos que seguem.

(11) Pra cima de mim, não, violão! Se não te agrada o que está recebendo, atente-se para o que está emitindo e não venha aqui pagar de **bom** moço, seus *posts* o desmentem! Disponível em: blogs.jovempan.uol.com.br Acesso em: 25 mar. 2020.

(12) Eu tenho pensado e acho possível o prefeito de São Paulo, Sr. Haddad, diminuir o preço das passagens de ônibus, só para o PT dar uma de **bom**. Disponível em: veja.abril.com.br Acesso em: 25 mar. 2020.

Tanto em (11) quanto em (12), o falante está inferindo, por sua própria avaliação subjetiva e perspectivando aos sujeitos, o escritor dos *posts* e o *PT*, que o atributo *bom*, nesses contextos, confere uma avaliação negativa, ainda que *bom* denote uma qualidade positiva fora do contexto da construção. Nesse sentido, *bom* exerce a função semântico-pragmática disfórica: semântico por estar carregado de significado qualificador/atributivo e pragmático pelo fato de o significado ser capturado no contexto expresso pela construção, considerando as inferências no discurso.

Pode-se classificar os SN e os SAdj atributivos da construção relacional de fingimento em disfórico com perspectiva para o negativo e eufórico com perspectiva para o positivo, nos termos de Neves (2011).

2.2 *Intersubjetividade e contexto*

Traugott (2010) trata a intersubjetividade como a manifestação, no discurso, da atenção do falante à autoimagem do sujeito estabelecendo uma relação entre falante e ouvinte. Em estudos anteriores, a autora descreve que marcas de polidez e preservação da face são fatores pragmáticos importantes e presentes na negociação da imagem entre falante e destinatário (Traugott; Dasher, 2002).

Considerar fatores pragmáticos presentes no discurso sugere analisar as marcas presentes no contexto, na composição de referenciais de valores positivos ou negativos a depender da sua opinião/juízo de valores. Nesse sentido, Traugott (2010) avalia que tais marcas são carregadas de significado, pois quanto mais presente está a atenção do falante na autoimagem do destinatário, mais intersubjetiva é a construção. Logo, a autora apresenta um *cline* que representa essa organização em um *continuum* considerando o julgamento do falante enquanto observador/participante da situação.

não/menos subjetivo --- subjetivo --- intersubjetivo

Ao considerar os pressupostos apresentados, percebe-se que nas construções em análise, o falante confere ao destinatário/sujeito atributos carregados pela sua avaliação com relação ao outro. Vejamos os exemplos:

(13) sou totalmente contra essa mídia manipuladora que agora que o bicho tá pegando **paga de santa** e chama os manifestantes de "futuro", manifestantes esses que antes eram chamados de bandidos e coisas do gênero. Disponível em: chongas.com.br Acesso em: 25 mar. 2020;

(14) a mulher tira foto nua, coloca no *e-mail*, as fotos vazam e ela vem **dar uma de santa imaculada!** Disponível em: acertodecontas.blog.br Acesso em: 25 mar. 2020.

Em (13) e em (14), os predicativos *santa* e *santa imaculada* atribuem aos seus referidos destinatários a imagem de que eles, *essa mídia manipuladora* e *a mulher*, passam uma imagem divergente do modo como agem, ou seja, fingem ser o que, na perspectiva do falante, não são e os avaliam com repreensão. Pode-se captar que os atributos *santa* e *santa imaculada* possuem natureza disfórica que se estabelece pelo significado da construção e pelas relações contextuais. Diante dos exemplos, percebe-se que o contexto envolve marcas no discurso que antecedem e que precedem a informação analisada na composição/construção do enunciado.

Neste sentido, fica evidente que o contexto garante maior rigor metodológico em análises que levem em conta, de maneira mais efetiva, o uso linguístico sem desconsiderar suas dimensões estruturais, cognitivas e sócio-históricas.

2.3 *Analisando os dados*

Compete a este estudo elucidar os dados admitindo a intencionalidade subjetiva do falante ao recorrer às construções relacionais de fingimento e atribuir ao sujeito propriedades que o descreva, uma vez que a construção já traz uma carga/função semântica muito específica: o estado fingido. Por meio das experiências compartilhadas pelos usuários do português brasileiro, o fingir corresponde a um comportamento/estado

que aponta para o errado, o ruim e, portanto, o negativo. Fingir algo em nossa cultura não é visto como politicamente correto e aceitável, embora este estado seja inerente ao comportamento humano.

Busca-se compreender como a construção operacionaliza, por meio das inferências do falante, atributos que apontam para o negativo/disfórico e, ainda, a depender das escolhas/intenções do falante, atributos de natureza eufórica, mais voltada para positivo, ou seja, a construção de fingimento mesmo estando estabelecida em uma esfera negativa pode atribuir aspectos positivos e a esse fenômeno nomeamos como polarização pragmática. A polarização pragmática prevista na construção será demonstrada a seguir. Vejamos os exemplos:

(15) ele é aquele amigo que todos temos e para quem sempre queremos dar colo (se pudéssemos, claro). Porém, a carência dele não só explica a necessidade constante dele por um abraço (ou um cheiro, já que Gominho gosta de pagar de **baiano**) como também reflete muito o modo subserviente com o qual desempenha de cunhã. Disponível em: cartasparapi.com.br Acesso em: 25 mar. 2020;

(16) se o cara quer pagar de **rico**, é ingênuo. Ah, tá bom. Tu ainda não entendeu o porquê do *post*? Cara, sério, isso é problema cognitivo. Disponível em: escrevalolaescreve.blogspot.com Acesso em: 25 mar. 2020.

Em (15), pode-se verificar que o falante prepara um pano de fundo sobre *Gominho* o enaltecendo como um amigo afável para suavizar a figura de uma pessoa carente. Nesse contexto, o falante faz um adendo trazendo à tona uma característica de *Gominho* em gostar de dar um *cheiro* – atitude carinhosa – assim convencionalizada pela comunidade baiana (nordestina). O fato de *Gominho* gostar de *pagar de baiano* não denota um estado fingido disfórico, pois o rol de propriedades semânticas oferecidas no contexto por *baiano* e transferidas ao sujeito são positivas e, portanto, eufóricas.

Já em (16), o predicativo atributivo *rico* adquire um caráter disfórico ao expressar a atitude do sujeito em querer passar a imagem de alguém rico, sendo claramente percebido e criticado pelo falante.

Há usos em que o estado fingido não configura necessariamente o ato de *fingir ser* e, sim, de *passar-se por*, ou seja, é atribuído ao sujeito propriedades que não são necessariamente correspondentes ao seu “eu”, mas que se assume momentaneamente essa condição, com base nos seus atos, a partir da percepção do falante. Vejamos:

(17) apesar de ter prestado vestibular para Rádio e TV e adorar dar uma de **jornalista**, Maiara é cineasta por formação. Disponível em: escrevalolaescreve.blogspot.com Acesso em: 25 mar. 2020;

(18) no meio do sermão do padre, a Tatá (Pietra Pan) resolve dar uma de **detetive** e arrasta a Lia (Alice Wegmann), uma das madrinhas, pra fora da igreja! Disponível em noticiasdatvbrasil.wordpress.com Acesso em: 25 mar. 2020.

Em (17), *adorar dar uma de jornalista* indica que *Mariana*, embora não seja, age como se fosse uma e até se identifica com a profissão devido à proximidade que possa se estabelecer entre o jornalismo e o cinema, já que ela é cineasta. Em (18), o contexto sugere que *Tatá*, ao arrastar uma das madrinhas para fora da igreja, estivesse ‘investigando’ algo, tal como um *detetive*.

Em ambos os casos, assumir a postura profissional de *jornalista* e de *detetive* transmite a ideia de que os sujeitos agem com boas intenções, logo, sua natureza é eufórica. Podemos perceber, inclusive, que a categoria das profissões quando cotejadas pela construção como atributo tende a assumir natureza eufórica dado o processo cognitivo de memória enriquecida que ativa esse padrão. Outro padrão ativado pela memória enriquecida diz respeito à escolha do falante em recorrer ao SN e ao SAdj no diminutivo e no aumentativo com propósito específico.

(19) Concordo com o gustavo, viuto vc é 1 cú d'agua que não sabe de nada e ainda quer pagar de **gatinho** no *site*. Disponível em: rpds-download.net Acesso em: 25 mar. 2020.

(20) Mas uma coisa eu falo... independente do final. O Morrison vir com esse papinho de é óbvio.?!?! Só quis pagar uma de **bonzão**. Sendo que as histórias dele são malucas... Disponível em: batmanguide.wordpress.com Acesso em: 25 mar. 2020.

Gatinho, em (19), e *bonzão*, em (20), ao serem cotejados para preencherem o *slot* predicativo da construção implicam a marcação de uma força intensificadora pragmaticamente inferida no contexto com atenuação pejorativa e totalmente disfórica.

Com base no *corpus* de análise e dos aspectos analisados, chega-se ao resultado estatístico das construções com função semântica-pragmática disfórica e eufórica.

Tabela 2 - Natureza semântico-pragmática do predicativo

Cn com os verbos	Eufórico	Disfórico
PAGAR	29/618 4,69%	102/618 16,51%
DAR	177/618 28,64%	310/618 50,16%

Fonte: Própria da autora.

A tabela 2 apresenta o resultado quantitativo das construções com predicativo eufórico e disfórico com cada tipo de verbo. Construções com *pagar* apresentam 29 (vinte e nove) dados com predicativo eufórico e 102 (cento e dois) dados com predicativos de natureza disfórica. Construções com *dar* correspondem a 177 (cento e setenta e sete) dados com predicativo eufórico e 310 (trezentos e dez) dados de uso com predicativos disfóricos. A partir dos dados apresentados, verifica-se ser mais produtivo e frequente o padrão construcional que apresenta a natureza disfórica do predicativo.

Ao considerar o fator pragmático da intersubjetividade, dentro de um *continuum*, tem-se dados que apontam como intersubjetivo os usos que focam na “atenção do falante à autoimagem do destinatário” e como subjetivos os usos que potencializam “a atitude ou ponto de vista do falante”, nos termos de Traugott (2010). No processamento dos dados de análise cruzada entre os fatores natureza predicativa das construções e grau de intersubjetividade, chega-se aos seguintes resultados apresentados na tabela 3:

Tabela 3 - Análise cruzada entre natureza semântico-pragmática e grau de intersubjetividade

	Eufórico	Disfórico
Intersubjetividade	61/618 9,87%	235/618 38,03%
Subjetividade	145/618 23,46%	177/618 28,64%

Fonte: Próprio da autora.

Os resultados apresentados na tabela demonstram que as construções com predicativo disfórico e intersubjetivas são as mais frequentes com 38,03% dos dados. Contudo, esse percentual, embora maior, não é tão superior às construções com predicativo eufórico e subjetivas, com 23,46%. Com esta análise cruzada, fica evidente que, de fato, a dimensão contextual contribui para a configuração semântico-pragmática do predicativo, pois independentemente do valor semântico individual do SN ou SAdj atributivo, a construção pode assumir natureza predicativa eufórica ou disfórica a partir da perspectiva do falante.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho se concentrou em analisar o predicativo atributivo da construção relacional de fingimento com *pagar* e *dar* especificamente quanto a sua natureza semântico-pragmática.

A construção admite que o *slot* predicativo seja preenchido por sintagmas nominais, SN, e sintagmas adjetivais, SAdj, que operam funcionalmente como atributos qualificadores. Posto isso, pode-se constatar a fluidez categorial existente entre as duas classes corroborando os preceitos dos MBU de que as categorias são gradientes e não estanques.

A análise dos dados também permitiu constatar que o fator contexto contribui para que as construções assumam nuances de significados que atendam aos propósitos comunicativos dos usuários da língua, além de mensurar que a intersubjetividade é pragmaticamente inferida no contexto e que os processos cognitivos de domínio geral,

especificamente, a categorização e a memória enriquecida atuam na formação das representações de experiências linguísticas.

Agradecimentos

Ao Grupo de Estudos Sociofuncionalistas, GESF, pelas imensuráveis contribuições em debates, encontros e apresentações em eventos. Agradeço, em especial, à líder do grupo Profa Dra Taísa Peres de Oliveira e ao Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes pelos ensinamentos e pela dedicação.

REFERÊNCIAS

- BOOIJ, G. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, J. Morphology as lexical organization. In: HAMMOND, M.; NOONAN M. (Org.). **Theoretical Morphology: Approaches in Modern Linguistics**. San Diego: Academic Press, 1988, p. 119-141.
- BYBEE, J. **Linguagem, uso e cognição** Tradução: Angélica Furtado da Cunha. 1. edição, São Paulo: Cortez Editora, 2016.
- CROFT, W. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s**, 2006. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 25 mar. 2020.
- FERREIRA, B. G. P. **Construção relacional: estado, mudança e resultado**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.
- GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

KEMMER, S.; BARLOW, M. **Usage Based Models of Language**. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.

LACERDA, P. F. A. da C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**. Rio de Janeiro, volume especial, p. 83-101, 2016.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

RODRIGUES-PINTO, K. R. **Construções relacionais de fingimento com os verbos "pagar" e "dar"**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2021.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X: a variable rule application formacintosh and windows**. Toronto: University of Toronto, 2005.

SMITH, E. E. S.; KOSSLYN, S. M. K. **Procesos cognitivos: modelos y bases neurales**. Madrid: Pearson, 2008.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. B. **Regularity in Semantic Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Ed.) **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Series: Topics in English Linguistics, Berlin & New York: Mouton de Gruyter, p. 29-74, 2010.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução: Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.